

LUCIA FONSECA

# cantares

Lucia Fonseca estreou na poesia com *Invenções do silêncio*, pela Editora José Olympio, em 1980, ano em que recebeu o *Prêmio Emílio Moura*, promovido pela Coordenadoria de Cultura do Estado de Minas Gerais, com *Rede Fluvial*, editado em 1983, também pela José Olympio. Em 1985, publicou *Cadernos de Geografia* pela Editora Mitavaí, quando Ivan Proença, autor da orelha do livro, elegeu, sem hesitar, sua produção entre o que de melhor se fez em poesia no Brasil pós-22.

Na década de 90 publicou dois livros em prosa: *Outono, Primavera, Coração* (Ed. Artes e Contos, 1995) e *Confissões de Penumbra* (Ed. Rosa dos Tempos, 1997); em 2003, *A última grande dama*, em homenagem à sua mãe, Yolanda Brasileiro Madeira, pela Editora Jobim Music.

De lá para cá, muitas autoras surgiram no cenário poético brasileiro e se tornaram grandes. Maiores até quando se sabe que a poesia é para poucos

## CANTARES



**Lucia Fonseca**

**CANTARES**

editora  
da palavra  
2007

2007 © Lucia Fonseca

Capa: *Gabriel Voser*

Revisão: *Rosane Ramos*

*Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)*

---

2007 Cantares / Lucia Fonseca / Rio de Janeiro: Editora da Palavra,

ISBN - 978-85-98348-12-4

1. Poesia brasileira 1. Título

---

CDD B869.1

Editora da Palavra  
helenortiz22@gmail.com  
fone/fax: 2557-4962  
Rio de Janeiro  
2007

## SUMÁRIO

PREFÁCIO 9

MOTIVO E MOTE 15

### CANTARES

#### DA LONGA ESPERA

Desconcerto	19
Espera	20
Noturno I	22
Noturno II	23
Casulo	24
Interlúdio	25
Noturno III	26
Quando	27
Madrugada	28
Bíblico	30

#### DE ENCANTAMENTO E DESENCANTO

Eros	33
Lastro	36
Noturno IV	38
Noturno V	40
Retalhos	41
Canção	44
Resíduo	46
Enquanto	47
Vitória	48

Umbral	49	
Desencanto		52
Revisão	54	

#### DE MIM PARA MIM

Seta	57	
Rosto I	58	
Rosto II	60	
Perfil	61	
Manhã	62	
Sinais	64	

#### DE ADEUS

Unidade de Terapia Intensiva		67
Oito dias de nojo	68	
Elegia	70	

#### DA MADUREZA

Cidadezinha qualquer	85	
Móvel antigo	88	
Paisagem	89	
Momento	90	
Estrada	91	
Destino	92	
Murmúrio	93	
Nudez	94	
Dois poemas da paixão	95	
Presente	98	
Caminho	99	

Ao meio-dia	102
De tarde	103
Tempo	104
Crepúsculo	105
Trânsito	106

#### DO DIÁRIO VIVER

Emprego	111
Retrato I	112
Retrato II	113
O doente	115
Bairro	118
Chagall	119
Violetas	120
Amendoeira (tarde)	121
Oiti (noite)	122
New York, 1983	123
Vôo Paris-Rio	124
Tabuleta em grego na estrada	125
Gravura em papel de arroz	126

#### DO OFÍCIO DE CANTAR

I	129
II	130
III	132
IV	133
V	134
VI	135

VII	137
VIII	139
IX	141

NOTA DA AUTORA	143
----------------	-----

## SOLO DE FLAUTA NAS AREIAS DE IPANEMA

Reynaldo Valinho Alvarez \*

Lucia Fonseca é filha de Ipanema: de suas areias, suas noites, seus crepúsculos, do eterno marulhar das ondas e também daquelas casas encantadoras e simples de classe média, hoje substituídas pela massa de cimento, ferro e vidro de edifícios nem sempre atraentes ao olhar.

Coerente com sua raiz ipanemense, ela mora na rua Nascimento Silva, aquela mesma onde, no número 107, Vinícius ensinava para Elisete “as canções de *Canção do amor demais*”. Seu cotidiano percorrer dessas vias que se cruzam em ângulo reto não apenas lhe deu a geometria da inclinação científica que a tornou bióloga, mas também batizou-a e crismou-a com a brisa do mar que a temperou com os condimentos da arte e da poesia.

Estes *Cantares* referem-se ao segundo desses vetores e se dividem nestas sete partes que, até pelos títulos que ostentam, já dizem ao que vêm e o que significam: “Da longa espera”, “De encantamento e desencanto”, “De mim para mim”, “De adeus”, “Da maturidade”, “Do diário viver”, “Do ofício de cantar”. A abrangência desses temas demarca o território onde se desenvolve o estro lírico da autora, voltada para um intimismo que não exclui a participação objetiva no mundo que as ruas e bairros lhe oferecem, palco de seu viver, seu gozar, seu sofrer, seu poetar.

Lucia é prima de Antônio Carlos Jobim e da irmã do maestro e compositor, a romancista Helena Jobim, família de vocação musical e literária que se prolonga nos descendentes. Tom e Helena cresceram juntos na suave Ipanema de algumas décadas passadas, quando o bairro poderia, às vezes, assumir a condição de recanto carioca do Éden. Não causa estranheza, portanto, que os “lugares sagrados”, os tópicos, a história, a geografia e o folclore da

família reapareçam ao longo desta coletânea dos poemas que a autora considera mais próximos de si, de sua biografia, de sua peripécia existencial, de seu mais arraigado estar-no-mundo, com os risos, sorrisos, suspiros, gemidos e ais de sua mais íntima e pessoal travessia como ser humano.

Para quem conhece a autora em pessoa, é curioso perceber a correlação entre o seu biotipo e a atmosfera de seus poemas. De aspecto frágil, mas determinado, conversa lenta e suave, miúda, ou *mignon*, como se dizia, à maneira francesa, Lucia é a encarnação desses poemas envoltos em algodão ou lâminas de lã, para preservar o cristal de palavras transparentes na denotação e irisadas nas conotações.

Note o leitor o que Lucia revela no segundo parágrafo do poema "Nudez": "*Não confundas jamais coragem / com falta de medo / (as mãos estão frias). / Tampouco penses que força é couraça, / que, nua, sou fraca.*" Aí está o auto-retrato, a autodefinição que melhor esclarece a energia subjacente no âmago destes poemas fluentes em seus versos livres, não rimados nem metrificados, entregues à sequência de um discurso íntimo.

O poema "Desconcerto" registra, em seus quatro últimos versos, a amena tonalidade queixosa, misto de conformidade e melancolia de que está embebida a atmosfera afetiva do livro, em sua quase totalidade: "*As mãos pousadas, o rosto exato, / eu nunca pensei que fosse / autora de alguma alegria / na tua face.*" O tom grave, circunspecto e talvez secreto em sua coloquialidade aparente, transparece em várias outras composições, como no "Noturno II": "*Aqui é noite. / Definitivamente noite / como dentro de um fruto.*"

Veja-se o diapasão reminiscente, a constante volta ao passado, a sombra que se mantém lá onde a sombra é mais sombria, nos versos de uma autora criada à luz do sol de Ipanema: "*Olhamos a sala em silêncio, / em silêncio sorrimos / com saudade de nós*". Esse mesmo tom do poema "Revisão" reaparece ao longo desta autobiografia sentimental, em que as emoções nunca se expressam por gritos e gemidos, mas apenas por algum ai fortuito ou um vago soluço amortecido na garganta.

A saudade e a lembrança obsessiva do pai e do irmão mortos persistem no âmbito dos poemas que lhe são dedicados. O universo familiar parece restaurar em Lucia a continuidade que alimenta sua razão de estar e conviver, em um mundo pouco afeito à doação de alegrias permanentes.

A melancolia, a nostalgia, o apego às pessoas e às coisas que se foram, a perquirição contínua e a escavação permanente no subsolo do que há de mais profundo no ser humano medem o compasso destes versos, em geral curtos, desmedidos porque estão alheios à contagem métrica, mas atentos à contenção ou à censura pessoal que não os deixa ultrapassar os limites de uma confissão comedida, debruada pelos cuidados que uma senhora bem nascida e bem educada deve manter em sua conversação até mesmo dentro das fronteiras do colóquio familiar.

Essa poesia lírica, subjetiva, pessoal, intimista, contida e ainda outros sinônimos perfeitos ou imperfeitos que existam para esses adjetivos, toda voltada para os labirintos secretos da interioridade, é, sem dúvida, o resultado de um amadurecimento decorrente da passagem do tempo e também resultante do exercício continuado da escrita. A maturidade, faixa etária que marca homens e mulheres com a escassez de hormônios característica da andropausa e da menopausa, gera em seu seio a coorte contrafeita e contraditória dos desencantos, das decepções, dos desencontros, e dos desconcertos que assinalam, com a evidência de suas pegadas, o solo frouxo e escorregadio dos dias, para nós sempre mais velozes, na medida exata da rapidez com que a areia se esgota na ampulheta. Amadurecer é, afinal, perder a inocência e perceber a celeridade da contagem que nos aproxima do fim.

Pode-se dizer, no entanto, que os indícios claros dessa visão melancólica da existência já eram perceptíveis na primeira coletânea poética de Lucia, laureada com o Prêmio Emílio Moura do Governo de Minas Gerais, há vinte e sete anos, quando ela ensaiava suas manifestações literárias inaugurais.

A poesia crepuscular sempre teve seu lugar na literatura brasileira. O registro elegíaco deixou mostras no neoclassicismo dos

árcades, na lira apaixonada dos românticos e até mesmo na suposta frieza marmórea dos parnasianos, apresentando-se, por exemplo, no título de um livro tão famoso e importante como *Tarde*, de Olavo Bilac. E que dizer então dos simbolistas, a começar pela figura emblemática de Cruz e Sousa?

Seria proveitoso, na perspectiva didática, explicar o que aqui mais se sugere do que afirma, mostrando alguns exemplos retirados do *corpus* deste livro, tão a propósito intitulado *Cantares*. Mas a medida poderia também parecer tediosa para os que têm a pressa mais do que válida e justificada de voltar as costas a este prefácio e iniciar a leitura dos poemas de Lucia.

Restringimos, portanto, a exemplificação a estes únicos versos, retirados do poema IX da série “Do ofício de cantar”: “*Ser poeta é percebê-lo / e tentar mostrá-lo. / Mas sobretudo sabê-lo na penumbra / deslumbrado e só.*” Penumbrismo, atmosfera crepuscular, intimismo e solidão são, sem dúvida alguma, elementos constituintes deste painel desenhado com as cores últimas do dia ou sob o brilho pálido das estrelas.

Mas sobrevém o momento, amável e paciente leitor, de chegar ao fim deste prefácio e entregar o palco à presença murmurante e às vezes quase silenciosa destes poemas, através dos quais se insinua a sombra de um suspiro, um ai, um soluço, tudo medido e imune à tentação do ruído e do exagero. Será como se te dispusesse a ouvir a melodia de uma flauta solitária nas areias de Ipanema e descobrisses, à luz da lua sereníssima e distante, que estavas ouvindo, de fato, uma ária executada por Jobim.

\* Poeta, autor de numerosos livros, entre eles, *Cidade em grito*, *Canto em si e outros cantos*, *O solitário gesto de viver*, *Solo e subsolo*, *O sol nas entranhas*, *O continente e a ilha*, *Galope do tempo*, *Das rias ao mar oceano*, *El aullido y los perros*, *Lavradio*, *Corta a noite um gemido* e *Diáspora ou aprendiz de galego*.

*Para Gabriel  
e para meus meninos e meninas,*

*com amor*

*Para Maria José de Sant'Anna Alvarez  
e Reynaldo Valinho Alvarez  
Astrid Cabral e  
Helena Ortiz*

*pela minha volta.*





*Eu canto porque o instante existe  
e a minha vida está completa.  
Não sou alegre nem sou triste:  
sou poeta.*

Cecília Meireles

## MOTIVO E MOTE

Eu canto porque fugiste,  
instante,  
deixando-me a vida incompleta.  
Não sou alegre - sou triste.  
Serei poeta?

Amando as coisas fugidias,  
não sei se é gozo ou se é tormento  
atravessar noites e dias  
no tempo.

Eu desmorono o que edifico,  
castelos de areia desfaço,  
sabendo assim que nada fica  
do meu traço.

Mas canto e eis que a canção é tudo,  
na total desrazão de ser cantada,  
por mais que a voz se saiba um dia muda  
(por que voz, por que poeta?)  
- por nada.



CANTARES DA LONGA ESPERA



## DESCONCERTO

Derramei uma gota de mel sobre a toalha.  
Vejo-a agora menos branca,  
as pontas caídas, a mesa desfeita,  
farelo de pão.

Derramei uma gota de mel sobre a toalha  
e a mancha é pequena e terna,  
resíduo de lágrima na fronha.  
O vidro se queda aberto,  
hesitante entre pasmo e espera,  
a borda suja, a tampa ao lado.

Derramei uma gota de mel sobre a toalha  
e todos os meus gestos estão completos.  
As mãos pousadas, o rosto exato,  
eu nunca pensei que fosse  
autora de alguma alegria  
na tua face.

## ESPERA

E existe esse outro mar  
de onde sobem construções estranhas  
- trapézios, edifícios, parapeitos.  
Nenhuma ponte.  
Cavalos andam longe, no horizonte,  
espero cartas.  
Mas não: eles se afastam  
conduzindo homens de armadura e donzelas nuas.  
Diante do papel em branco tento chorar,  
tento ao menos chorar,  
mas as lágrimas vêm difíceis e poucas.  
E se ensaio algumas linhas,  
são apenas riscos pretos.  
Caminho na sombra, espero cartas.  
Ontem falei com um secreto amado  
por telefone.  
E não marcamos encontros, não saímos para jantar,  
antes trocamos mentiras amenas,  
num sempre longo, cotidiano e prematuro adeus.  
Desliguei de olhos secos  
embrulhada em matéria plástica.  
O pacote de aveia garante embalagem a vácuo,  
sem qualquer contato manual, espero cartas. Mas  
os homens de armadura não escrevem  
e as donzelas nuas pereceram há milênios  
entre papoulas, trigo e jasmim.

Espero cartas, espero cartas, espero  
uma única carta.

Se ao menos eu ganhasse violetas,  
aspiraria perfumes delicados  
e ao arrumá-las em cristais miúdos sobre a mesa  
a sala se encheria de ares finos como um balão  
ou uma jovem carregando uma secreta gravidez,  
na testa, a invisível estrela.

Uma única vez,  
dai-me violetas!

Espero cartas, espero cartas, espero ao menos  
uma carta.

Se eu varresse de mim certas lembranças  
talvez fosse feliz,  
como a vizinha do apartamento em frente - uma que anda  
[ de chinelos  
rega gerânios e ensinou o cachorrinho a fazer pipi no ralo.  
Mas eu quero molhar os pés no mar vestida de organza  
por crepúsculos inenarráveis.

E a maré recuou demais essa noite,  
deixando areias finas, perfis  
e um vento de deserto insistente  
desmanchando dunas.

E não me chega uma única carta.

A não ser talvez esta manhã,  
quando vi a pomba na calçada,  
molhando os pés de estrela numa poça.

E humilde me sentei  
para escrever este poema.

## NOTURNO I

A chuva molhando a varanda.

Grãos de noite se dissolviam,

folhas ampliando-se em sombras

na infusão escura.

(Também os glóbulos de homeopatia se dissolvem  
no céu da boca.)

As flores da noite recendiam, recendiam.

E ainda hoje chove.

Por que deixei que tudo me alcançasse e me ferisse,  
me invadisse

como esse odor pungente de estrelas brancas?

## NOTURNO II

*Eu creio em noites.*

Rainer Maria Rilke

Aqui é noite.

Definitiva noite

como dentro de um fruto.

Um peixe que se percebesse só no oceano

talvez sentisse medo.

E no entanto é só que ele nada

o mais das vezes. Aqui é noite.

Apalpo sementes no ventre escuro do sono.

Tudo é tão quieto, calado, enrodilhado em pelúcia.

Que longas, as gestações!

O mendigo, o palhaço, o príncipe, o bêbado, o triste

se fazem assim, no escuro – só mais tarde, sob as luzes  
serão coroados.

Nessa hora, entre todas, a mais silenciosa,

imóveis dormem sonhos e poemas – sementes na bruma.

Ouvir-lhes o silêncio, o sono,

confiar – eis tudo.

## CASULO

Podemos dormir muitos meses.  
E o bosque de grossos acúleos.  
Podemos dormir muitos meses.  
E a névoa que não chega a levantar.  
Podemos dormir muitos anos  
no bojo das mesmas perguntas.  
E a névoa que não chega nunca a levantar.

São ônibus cheios de gentes,  
são cestos cheios de frutos,  
são mares cheios de peixes.

Podemos dormir no cinzento dos dias  
azuis.

## INTERLÚDIO

Nesse instante de exíguas coisas,  
talhado no vazio da espera,  
haverá um tempo de crescer?  
Nesse momento entre espera e espera  
haverá um tempo de viver?  
Afundo o rosto em pétalas frias.  
Numa hora anterior - tempo de talos -  
a seiva ainda subia pelas pernas  
para brotar em seios.  
E a noite era um longo suspiro estrelado,  
um longo arfar escuro  
cheirando a rosas molhadas.  
E o que se foi de menina  
permanece ainda um pouco  
nas pontas dos dedos vazios.

### NOTURNO III

E agora seriam esses espaços escuros  
povoados de estrelas impensadas.

E talvez zumbissem abelhas  
em torno de ramos recedentes.

E ainda assim seria inútil.

Como seria inútil tua boca  
dizendo palavras de perdão,  
e inúteis as justificativas  
porque necessárias.

E ainda o cantar de grilos

dividindo a noite,

e mesmo esse coaxar sobre os alagados,

tudo seria inútil porque aprendido depois,

quando o campo amadurecera

e os frutos vertiam um gosto levemente corrompido.

Porque se, antes, se descerrassem os véus da manhã

revelando um sol ácido

e uma nudez íntegra,

tudo se teria incorporado à seiva

e subido por raízes tenras

e tecido rijas pétalas.

Em vez dessas teias trêmulas,

desses cogumelos coloridos,

do lívido mofo, que ainda assim retém

micropérolas de orvalho.

## QUANDO

Poeta, logo será a hora  
em que o nevoeiro se dissipa, lento,  
e os ponteiros estacam.  
Alguma coisa se quebra, imperceptível,  
e a vida prossegue.  
Nunca mais igual,  
mas quase.  
Nunca mais escreverás o mesmo poema.  
Nem sabes se escreverás poemas.  
Mas segues no onde e no sempre  
suspenso em praças sonhadas,  
em madrugadas de cinza e relógios parados,  
nas pregas entre o ontem e o amanhã.  
Logo será a hora em que os galos dos cata-ventos giram, giram,  
os portões batem nas casas abandonadas  
e o vento zune pelas campinas abertas.

Mas agora, agora,  
ainda  
os motores da noite estão ligados.  
E então ela sobe mansa  
- balão.

## MADRUGADA

Sob as águas negras,  
sob as negras águas,  
dormem conchas brancas  
como brancas pálpebras.

Como brancas pálpebras  
quietas mariposas  
de pólen e prata.

Sob a noite escura  
o sentir das águas,  
escada de lua,  
antena e asa.

Sob a noite escura,  
tecido em lã clara,  
menina translúcida  
feita em vidro e opala,  
cacho de uvas brancas,  
cascata, pingente,  
garganta de pássaro.

Sob a noite escura,  
o sofrer dos mármore,  
porcelana e espuma,

marfim e alabastro.  
Gole de leite,  
estrela que surge,  
madrugada.

## BÍBLICO

Choveu seis meses.  
O mar fervilhou de peixes  
e todas as casas mofaram.

Então, noite alta,  
uma longa sirene acordou a vila.  
E os pescadores obedeceram  
rumo ao promontório.  
E os botos chegaram até a praia  
procurando os homens.  
E os que olharam para o alto viram:  
rasgando a névoa,  
o Anjo se despenhou do céu  
tingindo as águas de vermelho.

Então era o Sol no horizonte.

CANTARES DE ENCANTAMENTO E DESENCANTO



## EROS

Dentre as emaranhadas raízes da vida,  
do escuro útero da terra,  
teimo em arrancar essa paixão sem rosto,  
arranco-a do seio inumano do paraíso  
- temida delícia -  
para depositá-la entre os homens  
em claridade e convivência,  
e dar-lhe uma face e um nome.

Do fundo da pré-história do desejo,  
do fundo do olhar imantado,  
dos gritos roucos arranhando a noite,  
quero dar a essa paixão uma pátria reconhecível,  
um berço,  
um lar,  
e guiá-la entre os amores terrenos.  
(Mantende acesa a lamparina de azeite,  
colhei o grão, deixai fermentar a massa,  
levai ao fogo o alimento antigo.)  
Da pré-história enraizada no corpo,  
da funda noite vegetal,  
emerge o obscuro desejo gotejante,  
monstro sedutor e voraz, sereia ou boto,  
carne colada à carne, lábio colado ao lábio,  
vermelho contra vermelho,  
seiva, saliva, sêmen

e membranas dividindo sangues  
que, pulsando, se querem.

Disso que não tem nome,  
e é frêmito e tremor, suspiro na pele e lume nos olhos,  
disso fujo e isso busco em ancestral terror,  
desconhecido em mim, raiz em mim, lagarto e cio.  
Quisera domesticá-lo,  
trazê-lo para junto da lareira,  
enchê-lo de compreensível carinho e doméstica alegria,  
de uva e de trigo.  
Aprisioná-lo entre os ponteiros dos minutos,  
as badaladas pousadas no aparador  
e as leis da cidade.  
Para, um dia, outra vez buscar, chorando,  
chorando, buscar anos a fio,  
o jorro da fonte e o relâmpago na treva.

Há beijos soltos no ar,  
pressinto esse vento de beijos.  
Sementes aladas se dispersam, rompem cápsulas,  
demandando corações.  
Ofereço o meu, as finas setas perfuram-me a carne,  
deitam raízes.  
Depois que me tiveres beijado o corpo e os membros,  
depois que me tiveres acarinhado com força,  
como fêmea que lambe e lava sua cria,  
deixa-me estar junto a ti,

recém-saída das águas,

molhada e clara.

Recém-saída da noite e da celebração.

Cambaleante e medrosa como um potro,

hesitante nas finas patas,

sem saber ainda o que fazer de distâncias,

o que fazer de mãos tão cheias.

Logo estaremos correndo lado a lado na campina.

Por algum tempo, ao menos,

sem peso de arreio no dorso.

## LASTRO

Eras verbo, sopro, tão só movimento.  
Por ti, para ti,  
o corpo se inclinava suave, jeito de talo.  
E era menos nome.  
E foi também sorriso.  
Um não entender – no entanto leve,  
um medo grave.  
E essas palavras tombando do alto  
como se fossem chuva.

Embora o sangue todo estivesse presente  
fazendo o mesmo vagaroso percurso,  
impondo o mesmo trajeto líquido,  
seu lastro vegetal,  
suas correntezas e marés.

Soberanos e súditos,  
possuidores possuídos,  
caminhávamos de mãos dadas,  
carregando o amor – esse fardo de moedas de ouro –  
o mesmo peso, o mesmo brilho.  
E as estações se cumpririam em nós  
sem que pudéssemos intervir.  
E nos seria imposto um ritmo.  
Mas a partir desse doce laço obscuro,

a partir dessa comunhão entranhada  
também nos seria dado voar.

E da disciplina continuada  
- noite e dia exercícios de barra -  
faríamos nossos passos de dança.

E seria também corpo  
esse brilho a que chamam olhar  
alçado para tuas palavras  
caídas do alto.

E sagradas.

E as pernas pesadas de ossos e músculos,  
os braços cheios de nós e tendões: ombros, cotovelos, pulsos  
- quantos encaixes! -  
a pele e as vísceras todas,  
tudo estaria presente e seria esquecido quando,  
esculpido o gesto,  
se divisasse na testa a guirlanda  
e subisse aos lábios, em goles,  
o sorriso.

E ficássemos com um pouco de asas.

## NOTURNO IV

De que perfumes se fez a noite  
onde ingressei pela tua mão?  
Quantas insônias, quantos caminhos,  
de quantas sombras se fez o rio  
sem luz de aurora na outra margem,  
nenhuma ponte para o amanhã?

E quantas casas amanhecidas,  
e quantas frentes amortecidas,  
e quantas frutas há pelo chão!  
Sei que houve rostos chorando orvalhos,  
sei que houve flores sonhando abelhas  
(no céu lavado, quantas estrelas?)  
e tantos ramos pensando seivas,  
depois o canto, depois o pássaro  
chamando o dia e a companheira.  
Houve crepúsculos endoidecidos,  
houve pomares, houve jardins,  
e velhos becos anoitecidos  
rosas e murtas, cravos, jasmins.  
De que relvados cheirando a chuva,  
de que donzelas e que viúvas  
cheirando a rosa, mel e maçã  
se fez o longo túnel da espera,  
se faz a festa desta manhã?

E que promessas e que enganos,  
e que florestas e que espantos  
atravessei pela tua mão?  
E quantos goles e quantas sedes,  
e quantas faltas, quantos adeuses  
amadurecem nesta canção?

De que perfumes se faz a noite  
onde hoje embarco por tua mão?  
Quantos encontros, quantos espinhos,  
quantas insônias, quantos carinhos,  
de quantas sombras se faz o rio  
antes que os galos na outra margem  
armem a ponte para o amanhã?  
Ai, nesta noite, quantos perfumes,  
quantos gemidos, quantos sussurros,  
quantos venenos de que ciúmes,  
quantas perdidas-achadas rotas  
abrem a rosa chamada aurora,  
destilam sumo nesta manhã!  
E então cigarras, pios, zumbidos,  
galos, sirenes, sinos, buzinas  
farão a festa de um novo dia,  
dia de festa, por tua mão.

## NOTURNO V

E te inclinaste sobre mim  
e me depositaste uma gota de ouro.  
Galopamos campinas,  
galgamos as escarpas da noite  
e do alto  
avistamos as colinas da madrugada,  
maré cheia, meio-dia de praias desertas.

Agora desperto.  
Com a noite e todos os enigmas palpitando.  
Sonhei com casas mediterrâneas  
mornas e brancas ao sol.  
Bom como sonhar com pombas e com mel.  
(Mas as sereias e seus mortos,  
as bocas crestadas de sal...)  
Os ônibus na rua são volumes de ruído,  
crescem e decrescem à distância.  
Baixo as pálpebras ao peso de ternuras e pestanas.  
Mais além é tudo mar.

## RETALHOS

Esse derreter-se nos olhos, ah! esse tremor das mãos.  
Saudades na pele.

Subo a escada suja. No segundo andar  
estão fazendo café.

Havia lua no céu. Até isso.  
Sobre a copa das árvores  
o vento, de raso, nem mexia as folhas.  
E brilhava – talhada miúda boiando no céu – até isso.  
Estou com frio, ela disse.  
Você quer meu casaco? ele perguntou  
já cobrindo-lhe os ombros.  
Abraçou-a tão carinho, ela sorria  
quando respondeu: e você?

Hoje no ônibus, aquele cara se encostando em mim,  
eu achando esquisito,  
(minha mãe, eu pequena, querendo explicar, nunca fale com  
desconhecidos, tem uns homens que se aproveitam das meninas,  
o que é se aproveitar, mãe?)  
O homem roçava em mim, olhei bem a cara dele.  
Quando cheguei em casa, faltava a carteira, na bolsa.

Está frio, ela disse.

Mas o frio maior foi dentro,  
o vento nem mexia as folhas  
e a praça, a praça tinha até coreto. Até isso.

Quando chego mais cedo,  
as portas ainda fechadas,  
nem tiraram o pó das mesas.  
Cheiro bom de café. Cheiro forte.

O frio maior foi dentro.  
Tremia quando ele falou  
o que já sabia. Sabia  
mas antes podia fingir.  
Equilibrar-se em corda bamba,  
inventar mentiras, castelos de cartas. Nem vento.  
Longe a verdade brilhando, cascalho de pedras  
(não quero, não quero ver).  
Agora, não, palavras ditas,  
verdade ofuscando perto.  
Até coreto. Até isso. Tão fim de século.

Nas ruas transversais, amendoeiras  
já verde-tenro. (Verde-amarelo é nossa bandeira. O hino que  
eu mais gosto é o salve-lindo-pendão-da-esperança-salve-  
símbolo-augusto-da-paz. Dona Clotilde, pátio da escola.)  
Andaram graves sob a sombra folhuda  
suspensos do fio do olhar.  
Era dia na praia – ali  
quase noite.

Névoa molhada, salsugem chegando,  
embaçando os óculos, os olhos,  
molhando o rosto, o peito por dentro,  
salgando a boca. Também lágrima?  
Castelo de cartas. Vento gelado na penugem dos braços.

Cheiro bom de café, cheiro honesto  
entranhando tudo. Salsugem.  
A faxineira abriu a porta de blindex,  
me oferece, agradeço em silêncio.  
Assino o ponto.

## CANÇÃO

Falo de coisas que retornam  
como as tardes de primavera,  
depois as chuvas de verão;  
falo de barcos que regressam,  
falo do sim, falo do não.

Falo de coisas que retornam  
como as flores na primavera  
ou as aves de arribação.  
Falo do gosto dos teus beijos,  
da minha febre em noites mornas,  
de saudades doendo em vão.

Falo de coisas que apeteçam:  
cheiro de doce na panela,  
cheiro de fruta na estação,  
vozes de rolas nos beirais,  
dos meus seios nas tuas mãos.  
Cheiro de fruta no quintal,  
cheiro de chuva no jardim,  
falo de coisas que maltratam,  
falo do não, falo do sim.

Barcos que partem, barcos que voltam,  
longes nas velas, luzes no cais,

vôo de pombas nas tardes mortas,  
falo de uns lábios buscando os meus  
e, entre tantas coisas que retornam,  
falo desse adeus depois da volta,  
falo da volta, depois do adeus.

## RESÍDUO

Palavras brotaram desconexas e esparsas.

Sua seiva era de lágrimas.

Incompreensível.

E rosas são as que ficaram fenecendo  
em meus jardins de pasmo.

Caules se inclinam, se adelgaçam  
no crescer, no confiar.

Verde-tenro se quebram, estalam leve,  
choram seiva.

Navios se afastam do cais  
e brechas surgem onde o corpo afunda  
nutrindo vazios.

De tudo que fomos de caules,  
de pequenas pedras, de penugem;  
de tudo que fomos de sutil e tênue,  
de troca de pólen e seiva,  
de pequena ternura;  
de tudo que fomos de fremir de abelhas,  
de corola e aquiescência e espanto,  
resta esse campo desolado na manhã  
coberto de geada e assombro.

## ENQUANTO

Enquanto andas e dormes e amas,  
caminho por outra rua.

A vida é cheia de ontens,  
hoje não nos encontraremos  
e amanhã é um duro talvez.

Moramos em domingos diversos  
separados por vidros verdes,  
isolados, protegidos por campânulas,  
cada uma com seu pedaço de céu.

Enquanto dormes, viajas e amas,  
eu sigo por outra rua.

E mesmo nossos relógios  
marcam horas diferentes.

Seguimos por ruas diversas,  
caminhos diversos,  
em tempos diversos,  
apartados por vidros espessos.

E mesmo tua voz  
não chega até mim. Silêncio.

Daremos as mãos, afagarei teu sorriso  
e beijarei teus olhos  
no escuro do pensamento.

## VITÓRIA

A realidade me acordou  
sem clarins nem fanfarras.

(Apenas o farfalhar do vento entre as folhas.)

A realidade me acordou  
com sua dura vitória sobre o dourado.

(O tronco era castanho e sobre ele  
uma cigarra ia iniciar seu canto.)

A realidade me acordou  
no momento em que o Rei segurava alto a coroa  
e o sacerdote iria ungir minha frente.

Nesse momento  
fui acordada num catre nu  
vestida num severo traje de linho claro.

Não havia anjos no céu  
a me pousarem espadas no ombro dizendo: - Vai!

Apenas a cozinheira chegou  
pedindo o dinheiro da feira.

E dos trapos e soluços encardidos das derrotas  
das paixões turvas de medo  
fui absorvendo o peso das renúncias  
acumuladas.

E talvez apenas esse resto de respeito por mim mesma  
desenhasse o enorme "V" cinzento sobre o muro.

## UMBRAL

Perto de ti foi sempre a menina  
saltando de dentro do peito  
para se aninhar nos teus olhos.  
Perto de ti foi sempre a menina  
expondo a infância – ferida  
que era preciso cobrir com uma bandagem de palavras  
para que não percebesse  
o que na realidade gritava por ti.  
E ainda esse desconcerto continuado,  
grande demais dentro de um vestido escasso  
ou nas roupas largas da irmã mais velha.  
(As pernas e braços tinham crescido muito,  
ainda antes de apontarem os seios,  
prenúncio certo.  
E eu não tinha onde escondê-los,  
excesso alheio de mãos e pés,  
testemunho irrevogável da menstruação  
chegada de repente – orgulho e estigma.)  
Assim, perto de ti,  
era essa nudez continuada.  
E porque adivinhavas sem compreendê-lo  
é que talvez espreitasses meu rosto e meu corpo  
examinando-os detidamente,  
repetidamente examinando-os  
com teu olhar de verruma,

no entanto envolto em veludo,  
até que eu corasse.

Ah, toda essa intimidade assim exposta  
por indícios,  
era preciso delicadamente ignorá-la,  
aceitar esses doloridos sinais de transição  
- passagem.

Perto de ti  
foi sempre a passagem: arrancada do fundo da infância  
no caminho da mulher,  
numa gravidez dolorosa de adolescente violentada,  
temerosa do parto e do fruto.

Acordada de um sono profundo  
e, criança, com o corpo ainda quente, os olhos brilhantes de lago  
levada para a porta aberta do galpão,  
para a soleira da enorme noite descoberta  
onde ventava.

E porque as palavras talhavam  
e subiam à garganta em grumos,  
e porque despertaste em mim  
isso que se tem de mais precioso e oculto,  
esses sentimentos soterrados,  
segmentos de uma realidade há muito naufragada,  
porque - draga poderosa - deslocaste de tão fundo essas raízes  
e fizeste refluir os despojos  
é que, tímida e confusa, julguei te amar:  
não tanto por ti, mas pelo que me restituíste de meu,

por esses destroços de ternuras pungentes.  
Mas era preciso que, perto de mim,  
respeitasses essa virgindade nua  
para me acolheres, não dentro do teu corpo,  
que me esmagaria ao peso de realidades demasiadas,  
mas que me abraçasses, generoso,  
dentro de um coração humano, maduro, espaçoso.  
E porque suspeito-o impossível  
(ah, era ainda noite quando me debrucei sobre o papel  
e agora as árvores aparecem já diante da janela  
afogadas em leite)  
é que, junto a ti,  
cresce ainda mais o desamparo.  
Ah, mas não te finjas também de tão seguro,  
tu, a eterna criança por alimentar.  
Deixa saltar de teu peito o menino,  
o corpo esguio e nu,  
envolto nesse pálido manto de assombro,  
para que, juntos, de mãos dadas  
- irmão e irmã -  
transidos de medo, mas companheiros,  
à borda dessas águas marulhantes,  
possamos atravessar o útero da noite  
palpitante de luzeiros, de insetos e perfumes,  
de pólen e talos molhados,  
coalhada de morcegos e eventos secretos,  
e, pacificados,  
emergir piscando e sorrindo para a luz.

## DESENCANTO

Já não te amo.

Talvez te ame

se te vir nessa rua

aberta dentro de mim.

Mas já não é um sentir sem mistura.

Procuro reconstruir o rosto liso da paixão,

o peso do soluço, a garra no peito.

Mas há muitas brechas, o sonho faz água.

Meus navios,

mais uma vez lançados a ensolaradas ilhas,

jazem com as velas enroladas,

encalhados em algum porto remoto.

Os estandartes com brasões estão depostos. O sonho naufraga.

Pelas brechas insinuaram-se raízes

- desconfiança, lucidez, raciocínio -

e foram derrubando, uma a uma, as paredes do Templo,

uma a uma, as imagens.

Por que não me deixei incendiar quando era tempo?

E o feitiço? Ainda terás força para o feitiço?

Bebi tua poção envenenada.

Procuro em vão, numa pressa febril, todos os meus antídotos.

E, perplexa, descubro-os agora, não ineficazes,

mas desnecessários.

Onde estava teu feitiço?

Na tua dicção  
a um tempo hesitante e decidida?  
Nos braços e mãos maciços,  
no olhar a um tempo cálido e agudo – ternura e rapto?  
Quem te desapoderou?  
Quem tirou de ti esse poder sobre as plantas, as pedras,  
[ os animais?

E sobre mim, ai!, sobre mim!  
O tempo, o esquecimento, o hábito  
eram então mais fortes do que tu?  
Teu veneno vai-se diluindo.  
Assim também teu brilho, teu rosto solar, a transparência,  
[ o movimento.

Pouco a pouco, retomas o peso e o opaco das coisas reais.  
Onde era o talismã,  
vejo apenas a pequena pedra verde.  
A sensitiva se fecha, ao mais leve toque. Pouco a pouco,  
[ retoma a antiga posição.

Mas já não é teu dedo, o único capaz de adormecê-la.  
Tampouco de despertá-la.  
Um pouco triste da perda – antes tão cheia de ti, tão cheia  
[ de querer-te,

de querer ser uma contigo, de querer ser tu,  
quedo-me feliz de ser calma e sozinha.  
Leve, leve, começo já a flutuar,  
balão – vazio de ti – inflada de mim mesma,  
eu.

## REVISÃO

E voltamos a esta mesma sala,  
cada coisa em seu lugar;  
não há poeira nos livros.  
Olhamos à volta incrédulos  
buscando um sentir devastado,  
as vozes quebradas no ouvido amargo,  
o íntimo ouro corrompido.  
Onde ficaram dor e desespero  
e a violência de uma amputação  
despercebida?  
Olhamos a sala em silêncio,  
em silêncio sorrimos  
com saudades de nós.  
Recolhemos do chão os membros dispersos,  
das paredes o testemunho dos livros,  
sereno e exato.  
Em silêncio sorrimos,  
pacientes com o aprendizado.

CANTARES DE MIM PARA MIM



SETA

Voava cega  
à volta de um ponto azul.  
E mergulhei em repetidas nuvens  
diferentes e todas iguais.

Mas fui sempre me escapando  
- desconhecido e muito próximo mistério  
reconhecível apenas em outros rostos,  
como em espelhos, inclinada,  
o eu alheio e emprestado,  
som da própria voz ao telefone.

Cantava surda, sem nunca ouvir meu canto.  
Voava - cega, cega -  
em busca do meu próprio azul.

## ROSTO I

Onde teu rosto de ontem?

Com aquela nuvem caída sobre a testa?

O lento passar de estrelas invisíveis,  
silenciosas e esquivas abelhas de prata?

O bailado de anjos por dentro da face,  
entre vertentes de memória,  
asas dobradas sobre dolorida porta?

Onde teu rosto de ontem?

O recorte de montanhas pensativas por trás dos olhos  
os frutos dourados junto à curva do pescoço?

E aquela lembrança de campo amanhecido,  
um delicado resíduo de orvalho nas pestanas finas?

E mesmo o cheiro de mato,

mesmo o cheiro doce de curral

que, de alguma forma inexplicável,

boiavam ainda no teu rosto estremunhado,

retardavam-se por uns instantes naquele último traço amorfo

[ e infantil

antes de submergir na tua diurna e lapidada face.

Agora que acordaste,

o que me apresentas é um rosto qualquer.

Desfez-se o encanto das pedras.

Naquele momento em que os ponteiros se detiveram,  
retardados no cinza e no espanto da hora

- e nenhuma folha se movia,  
não era noite, não era tarde ou manhã -  
rompeu-se um dolorido casulo,  
dando lugar, irreversivelmente, a novas formas.

Onde teu rosto de ontem?

E que farás desse rosto de hoje

- esse estrangeiro que te visita -

enquanto recolhes seiva,

pétalas,

conchas,

enquanto reúnes palha e gravetos,

e sangue e saliva e lágrima,

enquanto juntas poeira e lama

com que compor

o rosto mais vivido,

o rosto aconchegado e íntimo de amanhã?

## ROSTO II

E foste feito assim:

de seixos, gravetos e silêncio.

Como certas aves compõem seus ninhos

assim te construí, sussurrado,

de coisas minhas, grave e lenta.

E eras construção tão forte – ponte sobre a noite –

e eu ficava mais pobre à medida que te fazia,

vazia de mim mesma,

sangrada,

rosto disperso em cacos de espelho.

Tocava de leve a tua face

como se encostasse a mão numa parede

quente do meu sol emprestado.

Era meu esse rosto que te dei.

Hoje venho buscá-lo.

Trago ainda a cabeça inclinada

pela passagem da onda amarga,

o olhar de colheitas devastadas.

Mas estendo as mãos para retomar meu rosto

feito de seixos, conchas e gravetos

agregados nessa matriz de silêncio.

## PERFIL

E a gora a solidão tem outro nome – clareira  
que no peito se abre.

Nenhum pensamento estreita o instante  
nas cadeias do ontem lembrado,  
do amanhã pretendido.

O depois como nada  
– horizonte aberto a qualquer desenho.

Nem homem nem mulher,  
marido ou filho  
trabalho ou lazer  
concebidos.

Somente agora e eu, nada e eu  
brotando folhas  
estalando pétalas.

E as raízes na noite  
multiplicadas.

E esse perfil de veleiro contra o céu.

## MANHÃ

Meu nome voa por entre os planetas  
com os primeiros vapores  
do dia.

Meu nome voa por entre os planetas  
com os primeiros pássaros  
que piam.

Lá fora é essa mistura de tintas delicadas  
construindo o espanto.

Eleva-se um fio de fumo,  
um canto de galo trinca  
a porcelana do céu.

Um sol ainda tímido anuncia seu reinado  
varrendo as estrelas.

Chega em sandálias de linho alvo,  
antes de vestir a túnica de ouro.

Na rua lavam o carro, lavam a calçada, lavaram o céu.

A copa das árvores é a mesma,  
no entanto reconstruída em leite.

Em tudo a ordenação, o silêncio  
de folhas tenras,  
timidez de coisas exatas.

A madrugada emerge livre de fuligem, entre espumas  
saída de um banho ou de um casulo  
e distende as asas úmidas.

Há um resto de noite na quentura das camas,  
nas cavernas do corpo e dos lençóis,  
como esses obscuros restos de útero no recém-nascido,  
esse estrangeiro até que o lavem e lhe deem um nome.  
Há ainda um negror latente na brancura  
que arrepiam os braços do colegial de março.  
Até que - travesseiro de plumas, garganta de pássaro -  
uma donzela desponta para as núpcias - manhã.  
E o homem reinaugura o dia  
pondo seu hálito  
em vidraças azuis.

## SINAIS

A loucura passou, deixando atrás de si  
um rastro de despojos  
iluminados.

O relógio parou há tantos anos  
e uma camada de pó  
foi cobrindo móveis, parapeitos, frestas  
e aquele jornal dobrado  
com a foto de Getúlio Vargas  
tomando chimarrão.

Buscar em todos os sinais?

Procurar em mãe e pai, amigos e parentes  
os destroços de uma infância naufragada?

O tempo é assim verde, frio.

E dos grandes rodamosinhos

ressurgem fragmentos:

mãos sardentas, cabelos mofados

- a loucura com seu rastro de despojos  
decepidos e encardidos.

E disso tudo que expelimos

como um vômito de mares interiores,

desse tesouro de rejeitos e ternuras doloridas,

como construir um corpo inteiro

já não tão jovem que não tenha cicatrizes,

mas que seja ainda elástico

sensível

e dotado de alegria?

## CANTARES DE ADEUS



## UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

Deitado no leito  
por onde andará?  
O corpo está agora mais pesado.  
Mas a alma? Flutua por que alturas?

Ligado a tubos, a tubos, a tubos,  
ah, que pesadas aqui fora  
essas roupas de escafandro!  
Imerso no líquido sonho  
como levita, levita,  
mal toca o chão onde pisa  
e examina plantas estranhas,  
alheios seres de outros países.  
Que brumas cavalga?  
Por onde andará,  
deitado no leito?

E a alma,  
que sai pela boca, pelos olhos, pelo nariz,  
cresce pelo quarto e se desdobra e amplia...  
De cima do teto, olha-nos aqui embaixo  
– pregados à volta desse corpo tão pesado,  
desse enorme mínimo corpo tão pesado,  
esmagados em dor e pasmo, tão pesados –  
e sorri.

## OITO DIAS DE NOJO

O sol se levantou mais uma vez.  
Procurei não pensar  
que já te desfazias.  
Afastei de mim os pensamentos – morcegos  
que teimavam em voltar. Nuvens de moscas.  
Mas como não pensar no corpo?  
Dizei: como não pensar?

Aguardei a missa em silêncio.  
Por uma semana, telegramas, visitas,  
afastei-os todos,  
morcegos que teimavam em voltar. Nuvens de moscas.  
Agora é suportar a missa, os cumprimentos,  
e depois abandonar essas escuras roupas da morte.  
E só, vestido de linho branco,  
pensar em ti em silêncio.  
Não suportei.  
Novamente abraços, choros, fugi.  
Fugi, fugi, cego, fugi. Criança no fundo do quintal  
escondida da colher de xarope. Silêncio de árvores altas,  
anoitecia. Morcegos cegos.

Hoje amanhece uma vez mais sobre mim.  
E sobre ti, ai, sobre o que resta de ti,  
sobre tudo que não quero, não quero lembrar.

Os morcegos voltam ainda a cada dia. Será assim por muito  
[ tempo.

Afasto-os com as mãos. Nuvens de moscas.

Levanto os olhos para o céu

buscando ar.

É domingo. A praia está cheia de gente, eu sei.

Em casa, na tua casa,

sobre a cama desfeita,

é inútil tanto azul.

## ELEGIA

*Para meu irmão, Marcello*  
maio a dezembro de 1986

I

Partiste  
com todos os teus mistérios!  
Teu senso de humor,  
teus maus humores,  
angústia e culpa desmesuradas.  
Quem te compreendeu?  
As mulheres que te amaram?  
Teus filhos, teus sobrinhos,  
teus amigos,  
tua mãe?  
Não eu; certamente, não eu.  
Alguém te compreendeu por inteiro  
ou apenas aos pedaços?  
Faltará do quebra-cabeças alguma peça  
que, mágico, escondeste na manga do casaco  
e levaste contigo?

A alguns divertias, a outros irritavas,  
a alguns certamente comovia  
a tua infância  
tantas vezes implacável,  
fechada sobre si mesma, frágil e incomunicável  
como os recém-nascidos.

Nunca te compreendi inteiramente.  
Parecíamos-nos demais. Éramos tão diferentes!  
Brincavas de faz-de-conta  
e eu fingia que acreditava.  
Ou estarias mesmo de bem com a vida  
com tantos indícios em contrário?

Todos os juízos que fiz sobre ti  
jazem à minha volta aos cacos.  
Enxerguei claro demais - a luz cegou-me.  
Seria melhor procurar-te nas trevas  
do coração.  
Mas tínhamos tanto medo do escuro!  
Crescem agora comigo as perguntas sem respostas.  
Inteiro e impenetrável,  
cresce o poderoso enigma que eras.

Mas as cenas de uma infância partilhada  
- um quarto com duas camas, tua insônia (eu dormia depressa),  
certo quintal com um pé de maracujá  
e um balanço,  
a caixa de química, a caixa de mágicas, a espingarda de ar  
[ comprimido  
(um irmão mais velho pode e sabe tantas coisas)  
e a certeza de que lembravas isso tudo;  
a cachorra que gostava mais de ti  
porque, certamente, de nós dois, eras o mais generoso,  
cuja morte choraste em desespero

(eu chorei também, escondida atrás da cortina,  
espiando pela janela  
o corpo rijo sendo enterrado junto à cisterna)  
- as cenas dessa infância partilhada,  
essas têm o peso de evidências.

Olho-me no espelho: vejo tantos dos teus traços  
no meu rosto. Afinal não te compreendi.  
Serei acaso menos tua irmã?

## II

De nós dois  
eras o mais velho,  
o dos saberes e insônias maiores.  
Mais generoso e também mais egoísta.  
A menina não compreendia tua angústia  
e, assustada, fugia de um sofrimento cru  
entrevisto entre reposteiros  
nos seus próprios medos ocultos.

A vida me fez mais defendida,  
mais abotoada e lenta.  
No teu rosto descoberto, aprendi a me esconder.  
Nas tuas lágrimas,  
aprendi o lábio tremendo e a garganta que engole em seco.  
Na tua febre, aprendi as mãos geladas e o rosto sereno.  
(Quem me acreditou?)

Abeirei-me do teu desamparo – abismo,  
poço sem fundo – e fugi.  
Na tua infância, cresci quatro anos e mais quatro,  
segui tuas pegadas às avessas  
e fugi da floresta onde erravas perdido.  
Peguei meu coração com as duas mãos,  
tranquei no fundo de um cofre,  
e joguei as chaves no mar.  
Pulei o muro da angústia  
e me encerrei dentro da fortaleza.  
Agora que onde estás  
não existe mais lugar para a mentira,  
olha dentro do meu peito  
desabotoado  
e me diz:  
no fundo do coração que te mostro  
não vês a tua imagem, num espelho,  
refletida?

### III

Nesta casa branca de janelas verdes,  
onde semeaste e colheste,  
amaste e foste feliz,  
venho hoje te buscar.  
Na casa fechada,  
antigos verões me acolhem.

Nesta casa branca de janelas verdes,  
venho hoje te buscar.

Aperto com as duas mãos  
meu coração já seco  
e retiro as últimas lágrimas  
com que fazer-te uma grinalda.

(Depois da tua morte,  
o que mais me fará chorar?)

Neste álbum onde apareces menino,  
venho hoje te buscar.  
Procuro no teu rosto de sorrisos minha dor  
para conferir o inominável.

Por entre esses canteiros de flores  
que percorreste,  
ferrados agora de espinhos,  
venho hoje te buscar.  
E só quando vir a primeira gota de sangue  
brotando do calcanhar  
saberei com certeza a verdade.  
Um a um, buscarei os caminhos do choro,  
e pelas lágrimas me convencerei.  
Através das lágrimas, derramei outras e mais outras,  
até o fim dos dias.

Aqui, na casa branca  
onde passaste o último domingo de sol,

águas claras cantam sobre pratos claros.  
Junto à fonte que amavas  
o salgueiro ainda se inclina sobre as flores.  
É maio. Maio com brisa e sol. Maio de vidro.  
Maio quase primavera.

Aprendi o caminho das lágrimas.

#### IV

Neste álbum de retratos,  
venho hoje te buscar.  
Venho hoje te buscar  
nesse tempo em que éramos vivos  
e ríamos tanto!  
Vês a fotografia?  
Todos, todos estão rindo:  
mãe, pai, avô, primos,  
nós dois.  
Um a um, vou marcando certos rostos  
com uma cruz:  
o avô, o pai, o tio, um dos primos.  
E o teu. Das crianças, só o teu.  
(Ríamos tanto! Desconhecíamos  
a safra de morte a ser colhida.)

Pervertes-te a ordem das coisas, não vês?  
Eras mesmo irreverente, inconformado, não aceitavas regras,

Terá sido por isso?

Mas como foste morrer assim,  
com os primos mais velhos vivos, nossa mãe ainda viva,  
deixando-me criança, a menor de todos, na fotografia  
rindo sozinha sem saber da morte?

V

Andavas entre nós  
disfarçado em vivente.  
Estavas morto há tanto tempo!  
Trazias a morte oculta  
no coração, caroço no seio da fruta.  
Que presas, de que animal,  
te morderam a carne?  
Inocularam em ti esse mal  
que te escurecia o sangue?  
Trazias o sangue enegrecido  
de sofrimentos antigos,  
fermentado desde a infância.  
Andavas entre nós distribuindo risos,  
o coração já gangrenado,  
víscera que obscuros vermes roeram  
antes mesmo de morreres.

Foi meu pecado sabê-lo e guardar segredo  
debaixo de vozes, risos, silêncios.  
E não chamar o Pronto-Socorro, não tocar buzinas,

não tocar alarmes, sinos, não chamar bombeiros.  
Foi meu crime esperar de mãos cruzadas no regaço  
que Deus cumprisse em ti seus descaminhos.  
“Por negligência, incúria, imperícia...”  
“Acaso serei responsável pelo meu irmão?”  
Não fui, não soube sê-lo – pecado e culpa. Assassinato quase?  
Agora, a casa arrombada,  
ando entre os escombros de uma infância partilhada,  
guardiã de lembranças esfoladas,  
guardiã de ruínas, sim.  
Mas guardiã.

## VI

Pela noite tenho andado.  
E todas as árvores eram mortas.  
Andei pela noite em regiões de sombra  
e árvores nuas.  
E não havia esperança de folha,  
não havia sonho de abelha  
na seiva paralisada.  
Tenho errado pela noite em luto.  
E não havia vermelho dormido na treva  
prometendo luz de aurora.

O deserto é essa construção de sílica e vento,  
longa escultura de dunas.  
Esqueleto polido, sem memória, já, de carne.  
Não como aquela noite.

Vagava entre cadáveres de plantas.  
Tudo cheirava a charco,  
desorganizava-se em caos e lama  
sem brilho de cristal, marfim polido, coral,  
essa matéria da vida  
trabalhada em areias, águas e vento.

Andei pelo mundo em solidão recente,  
quando o morto ainda não se desfizera,  
a lembrança não se purificara em fogo e azul,  
as mãos manchadas de um sangue incestuoso.  
Em luto andei assim, em nojo,  
aguardando a nudez de aurora.  
O dia em que possa de novo  
andar vestida  
de branco.

## VII

Acordei hoje na casa de cima,  
ao som de uma clarineta.  
Era teu filho estudando  
na casa de baixo.  
Como foi doce acordar ao som de escalas e floreios  
macia sonoridade da clarineta da infância!

Mando agora notícias:  
a árvore grande do jardim

cobriu-se inteira do teu sangue derramado  
e depois chorou uma por uma todas as folhas – gota após gota –  
e permaneceu dois meses seca – luto fechado.

A noqueira e a pereira que plantaste  
também se despiram.

Mas agora estão as três verdes e tenras.

E não estás aqui para ver.

Mas a jabuticabeira que era tua,  
essa nunca acreditou na tua morte.

Cobriu-se de pequenos botões – como todos os anos –  
e depois das primeiras chuvas,  
amanheceu um dia com os galhos tufados de flocos miúdos  
até as pontas, grossos, acolchoados de um tapete espesso

[ – como todos os anos.

E as abelhas estiveram atarefadas e felizes. (Lembro teu rosto).

A laranjeira já nos entonteceu de branco e perfume  
atraindo beija-flores.

E não estiveste aqui para ver.

E então vieram as jabuticabas: verdes, cor de vinho,  
afinal pretas, depois da última chuveirada de setembro  
– nosso mês.

Entre chupar e fazer geléia,  
trazidas para a cidade em sacos,  
teu rosto.

A pereira está cheia de flores  
e pequenas frutas novas.

Logo será tempo de fazer doce. (Teu rosto, sempre teu rosto.)

Até os dois pés de café este ano se cobriram de vermelho.

E os grãos secos serão torrados e moídos – metade para a casa

[ de cima,

metade para a casa de baixo.

Em cada flor que surge, em cada

fruta túrgida de seiva,

estão um pouco das tuas mãos que plantaram. (Teu rosto,

teu boné, teu cajado.)

e fico triste porque não estás mais aqui,

alegre que frutifiquem.

“O bom bocado não é para quem o faz,

é para quem o come.”

E como plantaste tudo, a cada vez que colho

sou culpada – e estás morto.

Depois dividimos – eu e teus filhos –

como também dividias, comunhão

de dois terrenos separados, mas de árvores comunais.

E então me alegro – e estás vivo.

Ouçó os pássaros – é primavera,

vejo as árvores cobertas de verde, as flores, os frutos e tudo

[ que amavas tanto

(e não repares se as lágrimas vão correndo agora

pela minha face).

A roseira grande, essa cobriu-se tanto de rosas-chá,

que parece falar de Ressurreição.

Depois de meses de sombra e dor,

vejo a natureza em festa e me alegro – perdoa-me estar tão viva!

Mas posso te assegurar - o melhor do dia de hoje  
foi acordar ao som da tua música.

Naquele momento eras tu, eras tu mesmo de verdade.

Eu não via nenhum rosto - e então era o teu de novo - vivo, vivo.

E não era ilusão - é certo que eras tu,  
pelo sopro - ah, teu, teu - do teu filho mais velho.



CANTARES DA MADUREZA



## CIDADEZINHA QUALQUER

*De um quadro de Vânia Reis e Silva*

*A madureza, essa terrível prenda*

Carlos Drummond de Andrade

Os verdes abrem distâncias.

Do que aconteceu um dia,

remota serenidade

ao longo do casario.

Os verdes abrem silêncios.

Pousa o vento nos telhados,

nas lajes do cemitério,

desavenças, alianças,

a procissão vai passando,

fechadas as persianas,

a praça ardendo de sol,

falatórios, adultérios.

Sermões, batizados, óbitos,

ladainhas, campo santo,

céu, inferno, purgatório.

Os verdes abrem distâncias.

Todas as casas fechadas,

todas as ruas desertas,

o sol nos muros caiados,

altas luas, noites quietas,

longes no apito dos trens

dividindo madrugadas.

Todos os portões abertos,  
todos os quintais varridos.  
Quem se foi, nunca mais volta,  
fica um adeus escorrido  
nas paredes, nas janelas,  
nos alizares das portas.  
Os mortos jazem na terra,  
os vivos, emparedados,  
lá fora, tudo campinas;  
na soalheira das ruas,  
jorros de moscas zumbindo;  
nas tardes desabrigadas,  
cresce um céu todo amarelo,  
crescem sombras, como espadas.

Os verdes abrem silêncios.  
Do que aconteceu um dia  
a dura tranquilidade  
dos muros de cantaria.  
Céu aberto, campo raso  
e as colinas despojadas.  
Nem rosas pelos portais,  
nem sombra de árvore ou poço  
nem pombas pelos telhados.  
Nem mais paixões escorridas  
pelos morros descalvados.

Somente a pedra talhada:  
essa ausência circunscrita,  
pequena ânsia contida  
nas casas aconchegadas.

## MÓVEL ANTIGO

O musgo pelos espelhos  
das penteadeiras antigas,  
retalhos de luz e sombra  
no silêncio das pupilas.

O quarto todo em penumbra  
tarde oblíqua - calmaria.  
O vento dentro do espelho,  
o tempo se acumulando  
nos desvãos de escadarias.

Os líquens pelos cabelos,  
o tempo dentro do espelho  
de uma penteadeira antiga,  
os filhos sempre pequenos,  
a noiva, longe, acenando  
nos degraus da ventania.

O espelho fala em surdina,  
sussurra, boceja e cala.  
E, semicerrando os olhos,  
em veludo acaricia  
os meus cabelos grisalhos.

## PAISAGEM

A neve caiu.

Todo o dia, toda a noite,

a neve caiu.

E a manhã surpreendeu a cidade adormecida

sob o casulo.

Também as dores

silenciadas

(tanto tempo, tanto tempo)

sob os cabelos brancos.

## MOMENTO

E foste assim em essência: saliva, sêmen e lágrimas.

A hora do riso foi pouca

e pouca também a voz

que ocultava as maiores montanhas.

Falávamos, sim, falávamos,

mas escondendo tanto mar: cardumes, feridas e rubis.

Mas esta verdade foste: saliva, sêmen e lágrimas.

E as mãos – as grandes mãos dos melhores dias.

Nos peixes dourados do crepúsculo vi teu rosto.

Agora a lua sobe onipresente e não te escuto.

## ESTRADA

Por todas as curvas do caminho  
há sempre um paraíso perdido,  
um amor abortado  
um podia ter sido  
aberto em flores vermelhas.

Adiante o que é: áspera dormida estrada branca.

## DESTINO

Ainda uma vez ouvimos o canto da sereia  
estender-se longo sobre o mar.

Ainda uma vez.

Ouvimos o canto da sereia  
e era noite de lua  
ardente.

Anestesia fina adormentando os olhos,  
Acalentando dores enrodilhadas,  
longo chamado para o sono,  
perto, muito perto de nós.

Era só abrir os dedos  
e tocar o corpo vivo do sonho  
perto, muito perto de nós.

E sós, sós, tão sós,  
chumaço de algodão nos ouvidos,  
voltamos as costas,  
levantamos a cabeça,  
e partimos em linha reta  
rumo à remota invisível praia.

## MURMÚRIO

Detém por um momento o rio,  
para e olha para mim:  
acaso queres ter-me na mão  
como um passarinho morto?  
Depõe então as armas:  
as setas do olhar, as infusões venenosas  
sorriso e verbo.  
E essas mãos, onde o impulso sempre suspenso  
é um continuado longo adeus.  
Detém o bater das artérias,  
essas corredeiras que se despenham  
no poço do coração.  
Para mais adiante retomar o rio-desejo.  
E, pausada a correnteza,  
volta para mim o rosto apaziguado,  
a face remota da infância.  
E só então me fala.  
E eu te ouvirei em silêncio, de olhos fechados,  
um sorriso por dentro dos lábios.

## NUDEZ

A coluna vertebral bem colocada.  
Mas se encostares na pele  
a brasa de um cigarro,  
é certo que vai doer.

Não confundas jamais coragem  
com falta de medo  
(as mãos estão frias).  
Tampouco penses que força  
é couraça,  
que, nua, sou fraca.

Sim, estou de pé, estou de pé,  
posso até sorrir, não grito.  
Mas, da ferida aberta,  
nunca deixou de correr sangue.  
E uns olhos choram  
desde sempre  
no escuro.

## DOIS POEMAS DA PAIXÃO

I

Anoiteço.

Em algum lugar

que braços recolhem lenha

para a fogueira?

A buganvília floresce, floresce,

floresce

até se apagar.

Os potes de violetas sobre o aparador

na penumbra do vestíbulo.

Mamãe regava-as, ritual.

E era moça e fresca que nem elas.

(Que fogo agora a consome?

Labaredas de terror,

a mão em garra,

e esses olhos como duas pedras,

duas setas de medo.)

Pego o metrô para o trabalho,

todo dia, todo dia,

sem apelação.

O cego, na saída para a rua,

canta com voz forte, choramingada,

cantilenas de jamais.

Meu Deus, meu Deus,  
por que é que essa buganvília  
não para nunca de florescer?

## II

Teu sangue me chama de longe,  
escura cisterna.  
Tambores, atabaques, do fundo da terra,  
vibram na sola dos pés,  
teu sangue, meu sangue chamando.

Papéis assinados, contratos, escrituras,  
vitrine de livraria.  
(Teu sangue pulsando, tambores de luta.)  
Recital de piano, a mesa do chá, toalha rendada, flores  
em jarra de cristal.

Teu sangue me chama, me chama,  
vem escorrendo de longe, pesada triste língua,  
invade meu quarto, rasteja  
em direção à cama.

Recebi hoje o contracheque. Na loja  
as mulheres se acotovelam  
para comprar maquilagem.  
As vitrines já se preparam  
para o Natal.

Teu sangue, teu sangue, meu sangue: atabaques.  
Além da inteligência,  
além de toda vontade,  
esse pulsar de uma artéria,  
esse contrair da víscera,  
esta saudade na pele.

As imagens cobertas de roxo: Paixão.  
Em algum lugar, que braços recolhem lenha  
para a fogueira?  
Os tambores não param nunca,  
os tambores preparam a festa,  
os tambores preparam as núpcias  
e o sacrifício.  
(Sobre a toalha branca  
a nódoa escura do vinho.)

Floresceram para olhos nenhuns as buganvílias,  
tão viúvas, florescendo as buganvílias  
no jardim abandonado.

## PRESENTE

Amei. Perdi.

Mas à minha frente um maço de papoulas  
maneja cores do laranja ao branco.

E cerca-se de abelhas - halo  
de minuciosa vida,  
trabalhando sol e pólen em seus ventres.  
E, tenaz, se tece em arcos e veludo  
essa rede de setas e mensagens.

Amei. Perdi.

Mas quando ando pela praça ao pôr-do-sol  
olho para o alto e as folhas tremem  
em alvoroço de chilreio e asas.  
E a hora em que mergulho  
é ouro e roxo peneirados.  
(No vaso de cristal as rosas sonham ontens  
entre tantas pálpebras fechadas.)

Amei. Perdi.

Talvez nem perdesse.  
Pois que tenho este agora.

## CAMINHO

A maturidade é esse caminho encontrado. Mais o caminhar  
antes que chegue a noite.

A lua corre adiante de monte em monte, de nuvem em nuvem.

A maturidade é esse deus-rio em nós,  
estuário-praias-largas.

E o rosto descoberto no espelho  
debaixo do sol.

Sabemos que o tempo é hoje,

Ainda temos algum futuro

e, pago o tributo em anos,

o direito a um passado.

Conhecemos o preço de cada coisa,

o verso e o reverso das medalhas.

Já tivemos primaveras.

O ramo florido junto ao muro

já nos encheu de esperas,

de bocas abertas sorvendo o tempo.

Já tivemos seiva, doces embalos,

podemos suportar o estio, a queda das folhas.

A companheira, os filhos, nada mais nos vem envolto no véu

[ multicolorido

de sonhar-outrora.

Dura e bela é a realidade com seus bichos tortos,

a praga de gafanhotos, vespas e ouriços,

as abelhas e seu mel.

Mas hoje é hoje,  
não mais amanhã nem ontem.  
Senão esse tempo de agora e agora.  
Há gavetas com sapatos, roupas, pacotes de macarrão.  
Há desertos e oásis  
e essas flores leves e brancas que vi na praça  
boiando sobre uns talos altos, verticais  
- taças transbordando espuma.  
Pedras, e seu peso nos comove,  
frutos tantos, que são bênção e degredo.  
E esse grão de loucura que todo homem precisou provar um dia:  
[ amargura,  
grão de sal, argueiro no olhos, torrão de açúcar  
lambido na mão.  
Há pássaros velozes no céu. E antes que eles caiam,  
antes que caiam um a um como gotas de ouro,  
deixa-me dar ainda um passo  
sozinho  
rumo ao resplendor.

Porque há ainda as amadas todas,  
dormindo no limbo.  
E se uma delas se acercar com sua face velada,  
se o amor ainda uma vez se acercar sob a lua,  
prometendo desvelar seu mesmo diverso rosto,  
resistir quem poderá?  
A amada será sempre a amada,  
lua longínqua que perdemos antes de ter.

Outra é a mulher que pariu,  
a mulher emprenhada que repartiu a fome e o grão,  
a saia arregaçada em nó, o filho na anca,  
provando o caldo na palma da mão.

Outra é essa mulher.

Mas se for a mesma,  
se por fundos e doces mistérios for a mesma...

Mas muito poucos são os abençoados.

O céu existe para olharmos para o alto  
e para a chuva.

A terra, para colocar os pés.

Mediadores entre os dois,  
solitários e verticais, seguimos,

os olhos na distância,

a dor por dentro

e essa canção nos lábios

e nas duas mãos.

## AO MEIO-DIA

As Parcas:

repara a que tece o fio.

A que mede o fio,

e a que empunha a tesoura

para cortá-lo.

Tu, em frente ao espelho,

cujos cabelos embranquecem

na quadra do meio-dia

- tu, fantasma -

o que fizeste do teu tempo, dos teus dons

em amor e em trabalho,

em ócio e alegria?

## DE TARDE

Tem cuidado se a doença te trabalha  
com dedos de ferro  
enluvados, embora.

No rosto não trazes ainda a marca  
e quem te visse não saberia.

O pólen, o trigo, as colheitas  
ficaram além.

E ainda hoje viste a moça  
caminhando reclinada para trás,  
as mãos pousadas no ventre  
afagando o tesouro.

Devagar, muito devagar, por longos anos,  
ratos de dentes miúdos  
roeram, uma a uma, as cordas  
e desarmaram a rede,  
laçada a laçada.

Que restará quando o último fio  
se destrançar?

E, esgarçada, a tessitura  
se romper?

Ainda um novelo no fundo  
de alguma gaveta perdida?

Ou para sempre  
- nua e desarmada -  
a noite?

## TEMPO

Vê-se a morte. Os relógios calam.  
Um pêssego apodreceu no aparador.  
O tempo põe manhãs nos dias, flores em cada primavera,  
o que se vê é a morte.  
E flores roxas como gritos,  
insônias e febres.  
A criança constrói de espanto balbucio e olhar,  
constrói de leite pétalas internas.  
Os relógios calam.  
A vida nos vive, garganta aberta.  
E a luz que pousa sobre a lua  
vai perseguida por um véu de sombra  
- caçada.  
O tempo põe manhãs nos dias, flores em cada primavera.  
Um pêssego apodreceu no aparador.  
O que se vê é a morte. Os relógios calam.

## CREPÚSCULO

Sou sempre o caminho  
do mesmo cansaço,  
um passo, outro passo,  
poeira, pegada.

O vento do leste  
encrespa-me os mares  
do sangue e do olhar,  
alisa-me os traços,  
modela-me a face.

A noite que tomba,  
nas costas, a sombra  
do vento do oeste  
varrida na estrada  
vão dizendo o longe  
do rastro sumindo,  
do silêncio escuro,  
do sangue esvaído,  
do traço apagado.

## TRÂNSITO

Vim para morrer. Trouxe comigo  
os panos de linho claro. Na mão fechada, um lenço  
e o gesto do recém-nascido.

Ao pescoço,  
sete voltas de cordão. Medalha.

Quem disse que trouxe nos olhos abertos  
lendas de antigas infâncias?

Quem disse que, das mãos, escapou-me a ânfora,  
lançando ao chão, entre cacos, o vinho?

Vim para morrer tão simplesmente  
como caem as folhas e se apagam as cigarras  
ao final de um ciclo.

Decerto o que tinha que cumprir, cumpri.

Embora esperasse tão mais.

(Somos sempre uns príncipes em pensamento.)

Ainda as vísceras se esforçarão em seu inocente exercício.

Ainda o pulso latejará por obrigação de mais um dia.

O sol pousará no horizonte. Pela janela ainda verei a lua  
nascendo dourada no mar.

Então partirei, madrugada.

Deixo - infelizmente -  
o quarto desarrumado,  
a cama desfeita  
os papéis em desordem.



CANTARES DO DIÁRIO VIVER



## EMPREGO

A verdadeira vida  
me aguarda longe de mim.  
De alguma janela chega o vento do mar.  
Mas no deserto não há escolhas.  
No fundo do corpo  
um óvulo ainda perfaz todo mês  
o mesmo secreto percurso.  
E existem fogões, panelas de barro, utensílios  
que uma cozinha não dispensa.  
A casa é esse oco de dimensões exatas  
para se lançar os braços para a distância.

Na minha mesa tantos papéis, tantos pedidos,  
algarismos, códigos, siglas  
- realidade inventada.

## RETRATO I

Quem te colocou na boca  
esse gosto de perda?  
Quem te pôs na língua o véu de leite  
uma única vez  
e te deixou, após, com fome?  
E ao desabrigo,  
aceso olhar, escuro olfato,  
em ti foi-se criando a ave de rapina.

## RETRATO II

Lago:

apenas na face  
algum sangue aflora,  
se espalha na pele,  
se espelha nos olhos.

Poço:

apenas as mãos  
que tremem além  
do gesto pousado.

Açude:

apenas nos olhos  
perpassam as sombras  
- traço de folha  
no bambuzal.

Cintila por vezes  
um raio de sol  
para além das nuvens.

Golfo:

pequenas rajadas  
de vento arrepiam  
a pele das águas  
- penugem dos braços.

Rio:  
de repente é a cascata  
precipitando-se  
subterrânea.

## O DOENTE

E transitava  
por muitos dias  
da sala ao quarto,  
do quarto à sala.

Cobertas leves,  
a náusea branca,  
refeições breves  
que mal tocava  
(sombra de borboleta sem voz).

E longos sonos  
e longos sonos  
com poucos sonhos.

E levitava  
do quarto à sala,  
da sala ao quarto.  
Vestes de seda,  
pálido manto,  
pálido e magro.

Em travesseiros  
se reclinava,  
jogava cartas

e lia histórias,  
via gravuras,  
álbuns de fotos  
já muito antigos.

Dentro dos livros,  
dentro dos livros  
se conhecia.

Tocando a vida  
por finos tubos,  
qual escafandro,  
larva de inseto  
ou astronauta.  
Dentro de espelhos  
turvos de medo  
se contemplava  
sobrevivente.

Depois os dias  
se confundiram  
todos iguais  
sobre o seu sono.

Então planou  
por sobre o tempo  
em carruagem  
de alheamento.

Mas bem no fundo  
de ocultas noites  
que mãos preparam  
a sua sorte?  
A sua volta  
para as calçadas,  
a permanência  
aquém das portas?  
Ou a passagem  
num certo coche  
todo fechado  
pela soleira  
de outra porta?

## BAIRRO

Durante muitos anos foi o pai:  
o bater do martelo,  
meia-sola, salto, cheiro de couro,  
o giro da máquina, o açougue, a quitanda,  
a porta suspensa, os passantes.

Depois o filho tomou assento  
no mesmo banco:  
o bater do martelo,  
meia-sola, salto, cheiro de couro,  
o giro da máquina, o açougue, a quitanda,  
a porta suspensa, os passantes.

Entre um e outro,  
foi um vidro verde, foi a lente dos anos,  
esse mapa de rugas  
finas, em torno dos olhos.  
O bater de uma artéria,  
meia-sola, salto, cheiro de sangue.  
O giro dos astros, o açougue, a quitanda,  
a porta suspensa, o cepo, o machado,  
os passantes, passantes, passando.

## CHAGALL

Um burrinho me acordou de manhã cedo  
com seus olhos de pestanas e de bocejo  
e nesses olhos de açúcar e de ordenha  
vi prados verdes, zagal, ovelha e lã.

Iam noivos celebrar as suas bodas  
levitando sobre um mar de orvalho e leite  
numa lírica ciranda de festejo,  
ia um músico valsando rumo à aldeia.

Um violino derramava pelo espaço  
n'água e lua dos telhados escorria,  
em anil, estrela d'alva e sino e galo,

a candura que há em cada madrugada,  
essa infância que trazemos escondida  
além das pupilas, em névoa e rocío.

## VIOLETAS

Na estufa as grandes folhas carnudas  
das violetas  
se aconchegam, se amparam  
- vertigem do próprio perfume?  
As muito roxas sugam nosso olhar  
para o sexo amarelo  
de onde derramam cascatas de pólen.  
E as pétalas se apertam entre si,  
buquês de borboletas palpitantes,  
cachos de pequenos corações purpúreos,  
por onde circula, fresca, a primavera  
Qual duendes nas bordas dos vasos,  
miramos acima de nós os caules seivosos, peludos,  
e o avesso dos gigantescos guarda-sóis  
raizados de artérias.  
Jardim perfumado e macio  
de suspiradas cores,  
ramalhete apertado de encontro ao seio.  
(Aos dezesseis anos era linda como não fui,  
cabelos de mel, pele transparente, olhos de seda,  
vestida em musselinas e veludos.)  
A estufa é uma pequena selva exótica  
de flores caprichosas  
que em silêncio, abismados, contemplamos  
todos admirados  
como diante de anjos.

## AMENDOEIRA (Tarde)

Olhei para o alto,  
para a copa da amendoeira,  
e era o salão de um castelo,  
era um festim pagão.  
Catedral de folhas, templo  
onde se anunciam manhãs e tardes,  
onde se celebram maios e setembros.  
E janeiros inchados de insetos.  
Abóbada verde, arcada,  
onde se consuma o tempo.  
Olhei para o alto,  
para a copa da amendoeira  
palpitante de pássaros e cigarras  
e entre as folhas esmaltadas  
escutei o passar do vento.  
E nunca terei pecado  
porque de novo nasci.

## OITI (Noite)

A sala bóia no verde  
da copa do oiti.  
A janela, vigia aberta  
para uma paisagem naufragada,  
viagem que fazemos pelas noites de março  
num tempo interno e lunar.  
E quando o branco inunda a copa nevada  
afogada em teias  
(e a árvore é essa coisa tenra, delicada  
noiva desmanchada em véu,  
saliva misturada à seiva  
da primeira mamada, entre língua e palato,  
sonho diluído em espuma)  
o oiti cresce parado,  
inchado cisma próximo-remoto  
respirando leite.

NEW YORK, 1983

Ainda ontem eram nuvens  
essas montanhas de neve  
que agora pisamos.  
Compactas,  
que agora pisamos.

Como puderam ser nuvens,  
assim tão pesadas,  
essas montanhas  
que agora pisamos?

Também nossos sonhos,  
transfigurados,  
precipitaram-se sobre os ombros.  
E nem os reconhecemos  
na realidade  
que calcamos sob os pés.

## VÔO PARIS-RIO

Voamos rumo a oeste  
e - pássaros - penetramos a noite,  
fruto aberto.  
Vamos arrancando um a um os minutos  
- sementes.  
Com bicos agudos  
empurramos meridianos e fusos  
tricotando realidade e ilusão.  
E da hora antes madura, pressentimos  
o verdor crescente.

Voamos rumo a oeste  
e penetramos a noite,  
templo de segredos.  
E uma única vez nos é dado  
repetir o amanhecer.

## TABULETA EM GREGO, NA ESTRADA

E vamos decifrando essa escritura,  
a frente curva  
sobre os caracteres antigos.

Que música, que aroma  
nos servirão de guia  
por esses pastos e paisagens  
repletos de anjos e de setas?

Há que ser fiel às letras,  
aos caracteres antigos.  
Que mão experiente e secreta,  
do alto, segurará a nossa  
para o lento aprendizado?  
Que pastor e que cajado  
irão reunir entre os dedos  
internas ovelhas  
espavoridas?  
Quem levantará as nuvens  
que cobrem o sol e a frente?  
Que faro, que luz  
perfurarão a estrada?  
Passo a passo,  
caminhamos entre pedras,  
com cuidado, decifrando  
a escritura desdobrada  
para além dos nossos olhos,  
para aquém do nosso rosto.

## GRAVURA EM PAPEL DE ARROZ

Eis a palavra:

não como mediadora da mensagem,  
mas ela mesma mensagem  
no seu peso de objeto.

Brilhando arestas – cristais de vigília –  
superfícies de penumbra e sono.

A moça é alta, escorrida em seda,  
caule que brota do crepúsculo por entre linhas,  
o silêncio nas pregas do quimono.

Eis a palavra.

E a xícara de porcelana.  
A água chia no púcaro  
pronta para os gestos.

Transparente e vegetal, emerge do papel  
e toda paralela.

E uma capa lhe escorre dos ombros, invisível,  
e queda no chão, já inútil.

No centro da fonte ela colhe o pássaro,  
repousadas mãos de pétala.

CANTARES DO OFÍCIO DE CANTAR



# I

Adoeci para salvar-me.

Por muitos anos vivi

entre sala e cozinha

discreta

como queriam os homens.

Pari filhos, levei-os à praça,

fui ao mercado, fiz doce,

lampejo de ouro

no dedo anular.

Um dia uma nuvem cobriu o sol.

Toda a noite a lua esteve vermelha

e das águas subiam emanções dulcíssimas.

Tomei uma poção envenenada,

adormeci cem dias e cem noites

e quando acordei eram outros os tempos.

E falava com as plantas

e sabia as vozes dos animais.

Dormi debaixo das águas,

entre peixes e afogados,

me evadi de todo o peso e transitei entre os pássaros.

Adoeci para salvar-me.

E ainda hoje levito deslumbrada

com saudades da copa e da cozinha.

## II

*Meu ofício é cantar.*

Emily Dickinson

Inspiração, palavra dourada,  
sugerindo dourados corcéis,  
ao tempo dos poetas tuberculosos e tomadores de absinto.

Inspiração, envergonhada de si mesma  
nas oficinas e laboratórios  
dos afanosos operários da palavra.

Inspiração? – essa necessidade  
que nos levanta – madrugada  
e dirige-nos – passos de lã –  
à mesa do escritório.

Sem saber poema nem porquê.  
E, obedientes ao império,  
levantamos a beirada das horas  
pondo a descoberto o miolo do sagrado.

Lá fora, os primeiros pássaros cantam,  
a primeira cigarra, zinindo, desgasta a face da manhã.

Inspiração, ofício, trabalho?

Ou apenas despertar?

Retomada do tempo de existir, retomada  
das ocupações diárias  
em pulmões, gargantas, asas.

Ternura de penugem entre folhas,  
gargarejo, gorgolejo, gorja  
ardente entre plumas.

(Intimidade: filete de suor correndo entre dois seios.)

Ah, benditos os que ao amanhecer,

entre cantar e colher o inseto em vôo,

não levantam uma rede de intrincados enigmas.

E sem rótulos, sem opor paixão e necessidade, inspiração

[ e rigor de oficina,

simplesmente, em sintonia com o íntimo,

a um tempo vigilantes e entregues, atentos e submissos

[ ao ritmo,

por definição de si mesmos,

apenas isso: cantam.

### III

Se queres saber onde começa e onde acaba a tua vida,  
não procures à superfície dos dias  
nem no trabalho onde consumes  
pétala a pétala  
a flor do tempo.

Se queres saber onde repousa a tua vida  
as margens,  
ah, busca as margens do dia.

Levanta as franjas da madrugada - pálpebra -  
e debruça-te sobre o poço,  
sobre a fonte que alimenta o rio - olho d'água.

Ali, no miolo do tempo,  
nas esquinas da noite,  
nos degraus da ventania,  
encontrarás teu coração  
pulsando amargo e alegre  
no escuro.

#### IV

Agora os tempos são outros  
e as águas, muito mais turvas,  
às oficinas do espanto  
não há mão que me conduza.

Não há mão que me conduza  
às oficinas do tempo  
onde, na forja dos anos,  
brilham em cascata e morrem,  
em fagulhas, os momentos.

E transpondo a ventania,  
me deixe cega e calada  
nessa clareira de pasmo,  
na zona de calma  
onde todo vento cessa  
no olho da tempestade.

Deixe-me de olhos fechados,  
transida às margens do assombro,  
articulando nos lábios  
o que a alma nunca soube  
- só pressentir lhe foi dado:  
frases de mundos perdidos,  
vozes de um sonho esquecido  
antes mesmo de sonhado.

V

*O poeta é um fingidor.*

Fernando Pessoa

Sonho saudades que não sinto  
para bordar o meu desenho.

E ao colher rosas no caminho,  
aquelas que não vejo, invento.

Para bordar o meu desenho,  
sonho saudades que não sinto.

E nessas rosas que eu invento  
coloco sempre mais espinhos  
do que os que têm as verdadeiras.

## VI

*Também há Universo na Rua dos Douradores.*

Fernando Pessoa

Um vidro trincado,  
um dente trincado,  
um caco de louça.

E a vida não é mais que a vida:  
trabalho e lazer  
alternados.

Ah, Deus sabe que quisemos a vida maior que a vida,  
brotando das vísceras – canção e manto,  
caída do céu – paixão, coroa e jugo.

Não apenas sonhada  
mas cozida em barro e sangue.

Acordamos do sono e só temos nas mãos  
esse punhado de terra e folhas.

(Talvez uma leve brisa infle as cortinas  
e a água sorvida reflita por um momento a boca.)

Então o trêmulo raio que cruzava o céu  
não era para nós?

A estrela cadente,  
o cometa: núcleo e cauda,  
a lua vermelha de eclipses e presságios  
não eram para nós?

As distâncias astronômicas, os planetas e galáxias,  
os signos da astrologia,

o lado obscuro das coisas, as interrogações febris,  
a paixão – flecha do êxtase ao desespero –  
não eram para nós?

Um punhado de terra e folhas,  
o gole d'água  
a brisa pela janela  
o prato de comida na boca do fogão,  
eis nosso lote?

Os milagres morreram aos vinte anos.  
O mundo é agora uma enorme casa vazia.  
Mas eis que o Universo se alça e se constela  
também aqui – nova alquimia –  
também aqui em terra, água, ar e fogo  
e nesses caminhos desenhados  
na folha  
e na nossa mão.

## VII

Por trás daquilo que falamos  
às vezes há gotas de ouro,  
às vezes, asas de morcego.  
(E os cavalos estiram os pescoços  
fiéis ao esforço da corrida.)

Por trás daquilo que dizemos  
é que se abrem os campos louros  
e as pedreiras e abismos: cuidado,  
não te aproximes.

As palavras são pobres:  
o que dizemos quase não conta.

São apenas um fio de linha  
com uma isca na ponta,  
com que vamos pescando  
uns pensamentos esparsos.

Para trás fica o silêncio  
– manto verde de cardumes.

Mas não poderás chegar perto.

É uma prateleira de cristais  
que um sopro estilhaça,  
joia detida no instante,  
flor que o minuto consome  
– passagem.

É muito frágil o meu silêncio.

E não te enganes se vires anjos  
como pombos, pelos telhados.  
Pois os demônios espreitam a casa  
fechando o cerco.  
É muito frágil o meu silêncio,  
desiste de tocá-lo.  
Tão remoto ao teu lado,  
e intangível,  
esse país onde tudo é verdade.

## VIII

*O poema é linguagem erguida.*

Octávio Paz

E todos os dias falamos, falamos.  
As palavras despertam por um momento  
do limbo onde dormem.  
Florescem, explodem  
e caem.  
Fogos de artifício, projetam-se,  
descrevem arcos, desenham figuras,  
soltam fagulhas  
e caem.  
Por um instante, objetos,  
despencam no amorfo,  
retornam ao pó.  
Em talos, alçam-se as palavras,  
flor, organismo, sintaxe,  
e caem por terra – átomos,  
listagem de dicionário.  
Entulho de substantivo, adjetivo, advérbio,  
sem trajetória de verbo.

Até que um dia,  
soprado por deuses, o poema  
ergue-se do caos.  
(Ainda um momento oscila,  
falta ao poeta, talvez

desbastar-lhe as últimas arestas,  
desvelar-lhe a pura, branca forma,  
única possível.)  
Desde o início pronto em seu ritmo,  
inteiro como um seixo,  
o poema ergue-se claro e definitivo.

## IX

Descobrir parentescos ocultos,  
esgalhadas genealogias obscuras,  
a irmandade insuspeitada das coisas  
- esse o ofício do poeta.

Captar a ressonância das palavras,  
o halo que cada uma cria à sua volta,  
perceber o jogo desses halos  
- esse o ofício do poeta.

Como a lua surge, coroada,  
vem surgindo a palavra,  
nem só o lugar do seu significado,  
nem só o lugar de suas sílabas no país dos sons,  
mas abrindo um claro ao redor.

Cada palavra é uma pedra caindo no lago,  
abrindo um jogo de círculos à volta.

Ser poeta é percebê-lo  
e tentar mostrá-lo.

Mas sobretudo sabê-lo na penumbra  
deslumbrado e só.



## NOTA DA AUTORA

Os poemas de *Cantares* pertencem, grosso modo, às décadas de oitenta e noventa. Alguns são contemporâneos de coletâneas já publicadas nos anos oitenta (*Invenções do Silêncio*, *Rede Fluvial* e *Cadernos de Geografia*). Mas pode-se dizer que, de um modo geral, há uma sequência cronológica entre aqueles livros, e que os poemas de *Cantares* lhes são posteriores, embora esta sequência não seja válida poema a poema.

Vários fatos detiveram esta publicação, fazendo com que *Cantares* esperasse tantos anos para vir a público. A fama de “gênero difícil”, conferida à poesia, fez com que eu me voltasse para publicar antes dois livros em prosa, embora desconfiasse que o meu chão era a poesia. Uma pausa de uma década, com alguns textos prontos, deveu-se às causas reais e outros tantos pretextos a que muitos escritores se apegam ou sucumbem: as solicitações e alegrias do cotidiano, somadas às dificuldades de publicar regularmente. Trabalho, no meu caso, em área que não me aproximava de escritores e editores, nem do escrever profissional, perda dos poucos antigos contatos, doenças de familiares, viagens, nascimento de netos. Embora continuasse escrevendo um tanto esporadicamente, o murmúrio das cobranças internas era abafado pelos ruídos da vida diária e cheguei a pensar que talvez nunca mais publicasse, já que quase não escrevia.

Com a idade e sem solicitações profissionais, a própria poesia me procurava menos do que antes e me encontrava menos atenta e mais exigente (“a madureza, essa terrível prenda”).

Há muitos anos já não trago sempre comigo, como um dia trouxe, o lápis e o papel da espera e, muitas vezes, deixei escapar alguma coisa que mal se anunciava, e que, anotada, poderia ter vindo a ser poesia. Seria? A falta de uma produção mais regular faz então com que, em muitos momentos, duvidemos até mesmo da nossa condição de escritores ou poetas, condição esta que só se constrói, se afirma e se satisfaz, se é que jamais se satisfaz, no exercício diário e, se possível, profissional, sendo a publicação mera consequência, estágio final.

Então os netos começam a crescer, a mãe necessita mais e mais cuidados e termina, mesmo ela, por morrer, desligamo-nos do trabalho porque ele já se desligou antes de nós. Faz-se silêncio à volta. A vida muda, completando mais um ciclo.

Depois da morte de minha mãe, surgiu a necessidade interior de preencher a lacuna de sua ausência com as memórias de uma infância e mocidade, que ela e meu avô me fizeram partilhar, através de narrativas. Graças a interferência providencial de Elianne Canetti Jobim (projeto gráfico) e Ana Lontra Jobim (Jobim Music), a quem nunca poderei agradecer devidamente, o livro saiu com *design* e acabamento excepcionais.

Ainda mais um neto inesperado, e o privilégio de acompanhar de novo, bem de perto, os primeiros anos de

vida de uma criança querida. Quando ele começa a frequentar a creche, a nova etapa se confirma com clareza: tenho tempo, sim, mas ele não é eterno. Começo a arrumar gavetas e dar destino a papéis. Muitos vão para a cesta de lixo, outros para arquivos provisórios, já agora virtuais, com interrogações ou recomendações à margem. Outros ainda são trabalhados de forma inesperada, depois de vinte ou trinta anos guardados. *Cantares* era já uma coletânea pronta e, depois de lida e relida, sofreu muito poucas modificações. Certamente eu não conseguiria escrever de novo estes poemas, mas a recomendação à margem era: “publicar”.

Para cumprir esses desígnios, procurei reatar alguns laços. Agradeço mais uma vez o carinho e a paciência de Maria José de Sant’Anna Alvarez e Reynaldo Valinho Alvarez, recebendo-me, lendo-me, prefaciando-me, e me pondo em contato com outros autores, entre eles, Astrid Cabral. Astrid, por sua vez, foi muito receptiva, apresentando-me à sua amiga, escritora e editora Helena Ortiz. E assim aparece “*Cantares*”, pela Editora da Palavra. Quanto a mim, continuo arrumando papéis.





Esta obra foi composta em Garamond  
e impressa pela Gráfica Stamppa Ltda.  
sobre papel pólen bold  
para a Editora da Palavra  
em 2007

e decidir escrever, decidir publicar é ato de coragem. Assim mesmo elas transpõem as dificuldades e se mostram íntegras e livres.

Em 2007 a Editora da Palavra celebra com seus leitores o retorno ao livro dessa poeta que é tão carioca quanto Ipanema. É possível dizer que cresceram juntas, que uma colhia as conchas jogadas na praia da outra, num tempo em que ainda havia arrastões e tudo era simples.

Com formação em História Natural, Lucia Fonseca tem olhos para observar o que é cada coisa, estudá-la, dissecá-la até conhecê-la intimamente, e depois encantá-la para sempre. Esse é o mesmo movimento que se observa na sua poesia.

*Cantares* é o livro de uma vida e tudo o que ela encerra: atitude e domínio artesanal, impulso e alta dosagem de lirismo. É obra de indiscutível qualidade literária: poema.

